

A CONSTITUIÇÃO DA FEIRA LIVRE DE ITABUNA E AS RELAÇÕES SOCIAIS DE SEUS ATORES: UMA ABORDAGEM DAS PERSPECTIVAS DO FEIRANTE SOBRE SUA REPRESENTATIVIDADE PERANTE A SOCIEDADE¹

José Reinaldo Balbino Oliveira²

Pós-graduando em História do Brasil pela Unime-FacSul

Resumo: A realização deste trabalho tem por objetivo historicizar sobre a feira livre e de igual modo sobre a formação da mesma na cidade de Itabuna, na medida em que a feira se firmou após o declínio agrário do “fruto de ouro” (cacau); a pretensão maior reservou-se a analisar algumas concepções dos feirantes sobre sua realidade na atual feira livre da cidade de Itabuna, bem como, os preconceitos e estereótipos disseminados na sociedade a propósito de sua imagem. A pesquisa se desenvolveu através de estudos de trabalhos realizados anteriormente sobre o tema e de forma imprescindível por via de entrevistas com feirantes e do contato direto com a feira. Diante de pesquisas efetuadas pode-se perceber a feira como um espaço socioeconômico e cultural de aglutinação de valores, crenças, costumes e relações locais para além das trocas de objetos.

Palavras. Chave: Feirante, Feira livre, Relação Sociocultural, Trabalho e Simbiose Cultural

Abstract: The completion of this work aims to historicize the free fair and equally on the same training in the city of Itabuna, to the extent that the fair was established after the decline of agriculture "fruit of gold" (cocoa), the claim more reserved to examine some concepts of fair on its current reality in the city of fair free Itabuna, and the widespread prejudices and stereotypes in society with regard to its image. The research was developed through studies of work done previously on the subject and essential by way of interviews with fair and direct contact with the show. Considering the work you can see the show as an area socio-economic and cultural of agglutination of values, beliefs, customs and relations beyond the local exchange of objects.

Key-words: Marketer, Friday free, Relationship Social-culture, Work, Symbiosis Culture

Introdução

Sendo Itabuna uma cidade pólo comercial, é sempre relevante se estudar um pouco mais sobre suas raízes comerciais.

¹ Artigo construído como Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Curso de Especialização em História do Brasil na UNIME, com requisitos avaliativos para finalização da pós-graduação, sob a orientação da Profª Djaneide Argolo.

² Graduado em história pela FTC EAD e Pós-graduando em História do Brasil pela Unime-FacSul. E-mail: binhotsadic@hotmail.com

A vocação da cidade de Itabuna, por sua localização, constitui-se em centro irradiador para comunidades circunvizinhas. Como pólo supridor de bens e serviços. Para onde afluem as populações à procura do conjunto de bens e serviços...
(Governo da Bahia, Plano de Desenvolvimento Agroeconômico de Itabuna. 2002)

No prelúdio do amplo e moderno comércio atual da cidade, está a comum feira livre que, desde a Idade Média, não falta na estrutura de qualquer cidade forte. Seguindo a ênfase atual aos estudos dos PDU's (Planos Diretores Urbanos), verificamos a necessidade de analisar a formação das feiras livres da cidade. É fato que a formação da feira livre de Itabuna se deu da atividade de comércio fortemente difundida aqui na cidade no início do século XX em função da sua localização. Contudo, em meados deste mesmo século, agregaram-se à feira livre indivíduos que vieram do campo, vítimas do declínio agrário do “fruto de ouro”; esses sujeitos não dotavam de capacidade para o trabalho formal urbano e perceberam na feira-livre um espaço, ainda que urbano, onde poderiam se sustentar por via de suas qualificações e até mesmo conservarem seus hábitos de cultura.

Embora o objeto de estudo esteja ligado ao comércio, objetiva-se também e principalmente uma análise do social tendo como ênfase o sujeito feirante. As cidades têm sofrido com o inchaço desmedido provocado pela crise rural em virtude da precariedade agrária; nesse contexto, as feiras livres funcionam como um espaço de acomodação para os migrantes. Aqui pautamo-nos na ideia de que “as feiras livres são uma invenção das cidades, ainda que conservando algumas características rurais”.

O que buscamos no decorrer desse trabalho é historicizar a formação da feira livre e analisar algumas concepções dos feirantes da sua realidade na atual feira livre da cidade de Itabuna, bem como os preconceitos e estereótipos disseminados na sociedade sobre a imagem de seus atores. No centro do problema abordado, busca-se compreender a percepção do feirante sobre si mesmo e sobre o olhar do outro em relação a sua figura; desta maneira, pretende-se avaliar pelas indicações de suas falas qual o grau de satisfação do feirante com a feira e em que medida o mesmo mantém a ideia de pertencimento com o seu cotidiano e com as raízes culturais do ofício. Sobretudo, através deste trabalho, buscamos analisar até que ponto os estereótipos sobre a representatividade do feirante na sociedade tem contribuído para a falta de perspectivas de ascensão socioeconômica dentro da sua ideia de pertencimento.

Na composição da feira-livre atualmente, observa-se a reunião de pessoas que em grande maioria foram segregadas dos trabalhos formais por falta de instrução ou prova de títulos (formação escolar). Mesclados a eles, convivem os marginalizados da sociedade:

mendicante, ladrões, golpistas, bebedores, entre outros, que não conseguem sobreviver dentro dos padrões considerados normais para a sociedade. A principal hipótese da pesquisa consiste na conjectura de que a difusão de uma má imagem de quem é feirante perante a sociedade tem degradado o ânimo dos feirantes sobre seus valores socioculturais, os quais têm desaparecido e, sobretudo, a força da ação dos estereótipos sobre a representatividade do feirante na sociedade que tem contribuído para a falta de perspectivas de ascensão socioeconômica dentro da sua ideia de pertencimento. Essa má imagem é sustentada pelo descaso do poder público em relação à feira tendo ainda como contraponto a imensa concorrência de mercado-oligopólio na atualidade.

A feira livre I: concepção histórica

Acredita-se que o principal ensejo da origem das feiras foi a formação de excedentes de produtos. É elementar que as sobras de uns contra a falta de outros provocaram a necessidade de intercâmbio de mercadorias; a disposição espacial da feira foi um requerimento natural de um lugar que congregasse todos os produtos que estivessem disponíveis para outrem, fato que aponta a importância e contribuição das feiras para os tempos modernos.

Geralmente, atribui-se à Idade Média, a oficialização das feiras, tendo em vista que nos períodos históricos anteriores como na época dos faraós, quer dizer, no período escravagista, não existiam tão acirradamente as feiras, por causa da produção para autoconsumo. Dentre vários autores, Leo Huberman faz referência à oficialização da feira no período medieval, citando em uma de suas obras a importância das feiras de Champagne em 1349:

... pois, todas as companhias de mercadores e também os individuais, lianos, transalpinos, florentinos, milaneses, luqueses, genoveses, venesianos, alemães, provençais e os de outros países, que não pertencem ao nosso reino, se desejarem comerciar aqui e desfrutar os privilégios e os impostos vantajosos das mencionadas feiras... podem vir sem perigo, residir e partir - eles, sua mercadoria, e seus guias, com o salvo-conduto das feiras, sob o qual os conservamos e recebemos, de hoje em diante, juntamente com sua mercadoria e produtos...¹

Em contrapartida, sabe-se que embora a prática da feira tenha se acirrado na Idade Média, convém concordar que fundamentalmente fortes sinais de influência das convencionais feiras livres hodiernas são apresentados também em vários cenários de outros

¹ HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. Rio de Janeiro 1976

períodos históricos. Como exemplo, pode-se citar a Bíblia Cristã que aponta sinais de existência de feiras, citando a presença de mercadores negociando em um ponto de grande fluxo de pessoas, o Templo (igreja), obviamente objetivando aumentar as vendas.

E foram para Jerusalém. Entrando ele no templo, passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas.

Não permitia que alguém conduzisse qualquer utensílio pelo templo; também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores”.²

As feiras livres existem no Brasil desde o tempo da colônia. Muitas vezes, elas funcionam também como centros culturais e de lazer, sendo palco onde acontece o contato social e comercial entre o urbano e o rural possibilitando uma irradiação local e ou regional, como afirma Le Goff em sua obra “ Por amor as cidades”. Deve-se encarar a feira como um fenômeno urbano que desenhou um novo espaço onde há a possibilidade de libertação do homem da terra, do retrogrado, de outro modo, a propagação da cultura rural, bem como na Idade média; onde o rural e o urbano trocaram experiências e costumes numa “simbiose cultural”, oportunizando a transformação e formação de uma nova estrutura para a cidade, o progresso.

Entendendo a funcionalidade das feiras para solidificar o sucesso comercial e urbano de uma cidade, principalmente em sua formação, percebemos o grande papel da feira livre de Itabuna na solidificação de suas características de progresso no setor comercial. Foi na antiga praça Bela Vista, no centro da cidade que surgiu a primeira feira livre de Itabuna, ³“criada pelo acto municipal nº88 de 5 de junho de 1921...” e passou a funcionar a partir do dia 25 do mesmo mês. A solenidade de inauguração contou com a presença do intendente à época Cel. José Kruschewsky.

²BÍBLIA SAGRADA. Evangelho de Marcos cap.11 vers. 15-17.

³ Arquivo Público de Itabuna, Jornal Oficial, Junho 1921.



Feira Antiga.1926, Jornal A Região. 27/07/1987



Feira Antiga

Segundo uma das edições do Jornal O Dia, do mês de Julho de 1921, foi essa também, a primeira feira livre “organizada” do sul do estado; era realizada aos sábados nas proximidades da atual Praça Adami, onde se negociava dentre outros produtos: carnes, cereais, farinha, etc. A mesma contava com uma estrutura grandiosa para o contexto da época, o que valorizou muito o comércio e o espaço urbano de Itabuna. Nos Sábados havia um grande fluxo urbano na cidade decorrente da saída dos homens da zona rural e das cidades vizinhas para a feira, em busca dos bens de consumo, sociabilidade e interação com a atmosfera urbana. Nesse momento, atuava a simbiose cultural entre o rural e o urbano, efervescendo as relações sociais e promovendo laços entre o homem do campo e a cidade.

A crise da monocultura do cacau na década de 60, na região sul da Bahia, solicitou o rompimento da grande massa com o campo que deixou de ser o sustentáculo promissor que regia a economia: a zona rural já não comportava todos que ali estavam até então. O êxodo rural foi inevitável, provocando o inchaço das populações citadinas da região; neste momento, em Itabuna já vivia uma efervescência comercial e sua feira já atendia a necessidade de todas as cidades de seu perímetro circunvizinho.

Os homens do campo não eram distintos para o trabalho formal, não possuíam as competências exigidas para a maioria dos trabalhos urbanos, mas perceberam na feira-livre



"Crescimento da feira" proximidades do atual prédio da FTC

um espaço, ainda que urbano, onde poderiam se sustentar por via de suas qualificações e até mesmo conservarem seus hábitos de cultura. Diante desses aspectos, afirma-se que após o

meado dos anos 60 a feira livre de Itabuna chegou a um estado caótico. Um aglomerado de barracas e pessoas que produziam imenso descontentamento na população que sofria com a falta de higiene no local e com outros problemas trazidos pela lotação da feira.

*... consequências danosas à saúde pública decorrentes da ausência de higienização no local, do ponto de vista urbano será uma conquista transferir a feira para um “centro comercial”. A mudança da feira para o centro comercial proporcionaria maior organização para a cidade de Itabuna.*⁴

Com o objetivo de organizar a principal feira da cidade, acabando assim com a insatisfação da população e reestruturando o centro da cidade como seguia nos grandes centros da época; em 07 de Dezembro de 1972, foi assinado pelo então prefeito Dr. Simão Lecht Fiterman o decreto oficial n° 2.686, que legitimava a construção do Centro comercial de Itabuna que foi inaugurado no ano seguinte confirmando a lei abaixo citada: “... construído por força da Lei municipal nº 917, de 24 de Agosto de 1971, é destinado, especialmente ao comercio de feiras livres e outros ramos do comercio que por sua natureza sirvam de complemento para o comercio feirante”. (Convenção de condomínio Centro Comercial de Itabuna)



Centro Comercial de Itabuna. 1978, Arquivo Público, Itabuna



Centro Comercial de Itabuna. 06 de Agosto de 2008

Embora tenha ocorrido a criação das feiras de bairros na cidade de Itabuna, a principal feira continuou sendo a do centro da cidade que foi transferida para o centro comercial onde funciona até a atualidade!

⁴ Diário da Tarde, Itabuna, Dezembro de 1972.

A feira livre II: Cotidiano, Percepções e Relações Socioculturais

Por um viés, a feira pode ser categorizada como festa, levando em conta ainda a herança das inspiradoras feiras medievais, que se assemelhavam as nossas feiras regionais, que eram geralmente realizadas em datas de festas religiosas, o que hoje ocorre meramente no que conhecemos como quermesse. Nos locais onde as feiras livres são realizadas, uma dimensão lúdica é habilidosamente montada com grande importância; os feirantes montam suas barracas, expõe suas mercadorias, e mesmo dentro de metrópoles conseguem produzir um isolamento onde brincadeiras (propagandas), gracejos, anedotas convivem harmoniosamente com a civilidade ritual. O “cenário” montado geralmente na madrugada ajuda na ressignificação do espaço, evocações como: “minha linda, minha querida, menininha” que claramente equivaleriam a galanteios, torna-se ferramentas pragmáticas para definir boas vendas. Para Edward Thompson, a disciplina do trabalho tem contraponto ao ambiente da feira livre, espaço de ócio e de lazer, onde se define local de comércio, de trabalho e de sociabilidade.

Na feira livre, se observa um novo espaço social tanto para o rural quanto para o urbano onde há um relacionamento das culturas na formação de uma nova “Paisagem Cultural”; observa-se na estrutura sociocultural da feira livre que parte é mantida por séculos e outra parte vem se reinventando em virtude da realidade atual. O espaço da feira livre de Itabuna revela a simbiose cultural entre o urbano e o rural, pois há uma distribuição espacial dos feirantes pelo Condomínio do Centro Comercial de Itabuna onde se observa uma grande variedade de produtos; barracas de carnes, frutas e flores na cobertura (sombriinha), boxes de cereais e outros artigos, mercado da farinha, espaço do produtor rural, a feira do “rolo” ou “feira do rato”, posto policial, sanitários, enfim, um cenário urbano-rural.

Na feira livre de Itabuna se encontram vários elementos da cultura nordestina e elementos de influências estritamente regionais. A percepção imediata que se pode ter da feira é de um espaço que acolhe as necessidades dos frequentadores, já que no seu cotidiano se encontra a oferta de produtos “*in natura*”: hortaliças, frutas, raízes e ervas de utilidade medicinal como: aroeira, catinga de porco, barbatimão; produtos de produção caseira (doces, bebidas, queijo, etc.) e até mesmo alguns produtos industrializados.

Através do contato direto com a feira, através de visitas e também da participação na mesma, e da relação com os feirantes de Itabuna por meio de entrevistas, tornou-se possível compreender as percepções dos feirantes e analisar as relações socioculturais dos mesmos. Percebe-se nesta feira a presença de pessoas que dela participam há mais de vinte anos, geralmente advindos dos municípios vizinhos em busca de sobrevivência econômica quando

ainda viviam sob a tutela dos pais. A profissão parece ser herdade familiar, pois na maioria dos casos os pais eram homens do campo que vieram para Itabuna e trabalharam na feira. Alguns até “fundadores” do centro comercial, concomitantemente, os entrevistados se tornaram feirantes ao seguir os pais para ajuda nas tarefas. Entretanto, a opção de ser feirante não foi espontânea para a maioria dos feirantes entrevistados, visto que a escolha perpassa pela falta de outra oportunidade “melhor”, já que ao dedicar a infância ao trabalho não estudou o bastante para possuir pré-requisitos para competir no mercado de trabalho por cargos de trabalhos mais formais.

... Eu acompanhava meu pai na época, ele era , me crie assim junto de feira sempre... não é eu quis é por causa da vivência né? Não arruma uma coisa melhor pra nós sobreviver né? Eu por mim mesmo se eu achasse uma oportunidade de uma condição melhor eu não estaria na feira não... no meu caso feira é porque eu não acho outra coisa pra fazer.⁵

Muito embora, haja um grande descontentamento com a feira por parte dos feirantes e que seja verídico o fato de que quase todos tenham se tornado feirantes por falta de oportunidade em trabalhos formais, há em contraponto a grande maioria que deseja sair da feira. Alguns que desejem continuar nela, uns pelos lucros que consegue galgar e outros pelo puro pertencimento cultural que a feira lhe proporciona. É o caso de Enivaldé da Silva Ramos, “Dona Teca”, ex-feirante que abandonou o ofício por motivo de doença na família, mas que fala com saudosismo sobre a feira na qual participou por mais de vinte anos e que ainda visita esporadicamente, agora como compradora.

... sempre que eu vou na feira: ô vai voltar quando pra trabalhar? As pessoas quando me vê (dizem isto), na maior festa... oxi muita amizade que a gente fez ... (com uma oportunidade melhor) voltaria pra feira... mas tem que ter o capital né? Sê tendo o dinheiro você ganha... tem que ter um capital pra trabalhar...⁶

É inegável na história, a participação alavancadora da feira livre de Itabuna para o seu progresso e particularmente para o comércio; e nos dias de hoje? É mister refletir sobre a feira e como o feirante se percebe atualmente na sociedade. Há quem diga que ser feirante não é profissão, como discursa o ex-feirante Edmundo Farias:⁷ “... muitos que estão lá estão e

⁵ Feirante entrevistado: Damião Souza Santos

⁶ Ex-feirante entrevistada: Dona Teca (Enivaldé da Silva Ramos)

⁷ Ex-feirante entrevistado: Edmundo Farias da Silva

porque não podem sair, se sair não tem do que viver porque não sabe profissão nenhuma... falta de opção, é ser feirante ou ser feirante”. O discurso segue com alegações da falta de segurança e higiene na feira, fatores preponderantes para declínio da mesma; a comparação entre a feira e supermercado ressalta sua explanação.

Em contrapartida, boa parte dos feirantes discorda da alegação de feirante não ser profissão, visto que assumem a existência de problemas na feira, mas ostentam o pertencimento com o que realizam e a importância do seus postos na sociedade. Ressaltam igualmente a participação como cidadãos pagantes de impostos, pois pagam tarifas para trabalharem na feira, e sobretudo a utilidade da feira para os que dela fazem uso para seu abastecimento alimentar (principalmente a classe mais pobre), bem como para relações sociais e afetivas. Nas entrelinhas, se enxerga a preservação cultural da feira como “festa”, um movimento para além do comércio.

... a onde eu trabalho cobra algumas taxas impostos de solo, tarifas de balanças, e eu como comerciante autônoma eu contribuo com os impostos do município... O interesse é pra mim que necessito e não tenho muitas opções... e também para alguns dos meus clientes que já me conhecem trabalham comigo há muito tempo; também para o meu fornecedor, é em ambas as partes (a minha profissão) favorece a duas ou três pessoas...⁸

Diante da realidade da feira livre de Itabuna, nota-se vários preconceitos e estereótipos sociais disseminados sobre a imagem do feirante. Na composição da feira-livre atualmente, observa-se a reunião de pessoas que em grande maioria foram segregadas dos trabalhos formais por falta de instrução. Mesclados a eles, convivem os marginalizados da sociedade: mendicantes, ladrões, golpistas, bebedores entre outros, que não conseguem sobreviver dentro dos padrões considerados normais para a sociedade e que enxergam na feira um espaço aberto a suas práticas devido à aglomeração popular. É fácil para o feirante perceber a apatia da sociedade em relação a sua pessoa pela sua profissão.

Eu me enxergo como uma pessoa comum, como uma cidadã qualquer; agora em termo da sociedade, é, nem todos compreendem, muita gente olha com olhar de desprezo porque acha que não é uma profissão comum, não inclui no meio social porque a classe social ela é mais disposta para pessoas de nível mais alto, e os feirantes são pessoas de classe pobre, são eles são vistos como pessoas de classe pobre, não são bem

⁸ Feirante entrevistada: Maria Balbina Neta

vistos e em muitos lugares do comercio nem todo mundo dá crédito a um feirante...”⁹

Há relatos de que após certa hora do dia, quinze horas, considerado o fim da feira, o que se observa no local é o funcionamento intenso de bares onde geralmente acontecem brigas, orgias, jogatinas, em suma, um reduto de perversão. Essa situação fortalece a difusão de uma má imagem de quem é feirante perante a sociedade, pois há uma associação desta perversão aos mesmos, ocorrendo em degrado do ânimo dos feirantes sobre seus valores socioculturais, os quais têm desaparecido. A força da ação dos estereótipos sobre a representatividade do feirante na sociedade tem contribuído para a falta de perspectivas de ascensão socioeconômica dentro do seu pertencimento, já que são mal vistos na sociedade. Além de não terem um grande prestígio na sociedade, os problemas da feira têm causado uma terrível evasão na mesma.

Considerações finais

Segundo José Guilherme C. Magnani é deficiente estruturar uma ideologia exclusivamente em torno da esfera experiência de trabalho de determinado grupo. Deve-se considerar outros espaços do cotidiano, como as relações familiares e o lazer tão enfatizado pelo mesmo. Desta maneira, pudemos analisar com proveito a feira livre de Itabuna, já que a mesma se dimensiona como mais que um espaço de trabalho. A mesma faz-se bela num mundo ritual composto também de brincadeiras e alegria, compartilhado por parentes e amigos sobressaindo em sua convivência social no cotidiano da feira.

Os supermercados e suas estruturas monopolísticas têm sido uma das maiores causas do desaparecimento das tradicionais feiras. Marx previa a falência das feiras livres diante da concentração e da centralização da economia industrial, tornando os ricos mais ricos e os pobres mais pobres. O oligopólio do comercio, visível na competição entre feiras e hipermercados tem restringido as feiras, os próprios feirantes já se recriminam por não poderem oferecer as mesmas vantagens que o supermercado, em mesma medida a vivência cultural da feira é desprezada, já não há a pechincha, muito menos a competição acirrada por compradores.

É bem verdade que a maioria dos feirantes diz desejar sair da feira, em virtude dos problemas que a assolam contemporaneamente. Em contrapartida, compreende-se um saudosismo em seus relatos sobre os tempos passados da feira e sobre os benefícios que a

⁹ Feirante entrevistada: Maria Balbina Neta

mesma lhe forneceu: amizades, reconhecimentos, aprendizado, orgulho e mantimento financeiro. O que fica claro é o que Magnani (2003: 24) chama de “o discurso que nega e comportamento que afirma”; mesmo afirmando querer sair da feira, os feirantes acreditam no seu possível sucesso, falam de como seria bom, uma nova estrutura física e organizacional: um sindicato para os feirantes, instalações higienizadas, segurança, estacionamento e apoio do Poder Público.

Por fim, ler a Feira Livre de Itabuna e as percepções dos seus atores pressupõe juntar peças que compõem esta simbiose cultural inesgotável. É desmistificar signos, ressignificando o espaço da feira como local de relações socioculturais além de comércio e o feirante como ser integral e não mero comerciante segregado do mercado formal de trabalho.

Referências:

- A Bíblia Sagrada.** São Paulo, Stampley Publicações LTDA, 1974, p. 1021.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: Edusp, 1998.
- HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem.** Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1976.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo, Editora da UNICAMP. 4ª Ed. 1992.
- LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades.** São Paulo, Editora da UNESP, 1988.
- MAGNANI, Jose Guilherme Canto. **Festa no Pedaçó: Cultura popular e lazer na cidade.** São Paulo: Editora Hucitec, 2003.
- MAIOR, Armando Souto. **História Geral.** São Paulo, Editora São Paulo, 1978.
- SANTOS, Selma Ribeiro dos. **O Centro Comercial de Itabuna: Memória e Representação.** Monografia, UESC, 2003. In: CEDOC.
- SINGER, Paul. **O capitalismo: sua evolução sua lógica e sua dinâmica.** São Paulo: Moderna, 1987.
- SOUZA, João Carlos de. **Na luta por habitação: a construção de novos valores.** São Paulo: EDUC, 1995.
- THOMPSON, E. P. **Tempo disciplina de trabalho e capitalismo industrial.** In: E. P. Thompson. *Costumes em comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional*, São Paulo-SP: Companhia das Letras 1998.

Fontes Impressas:

Alteração de Escritura de Convenção de Condomínio do Centro Comercial de Itabuna. Itabuna-Ba, 18 de Fevereiro de 2008.

Escritura de Convenção de Condomínio do Centro Comercial de Itabuna. Itabuna (BA), 27 de Janeiro de 1973.

JORNAL AGORA. Itabuna: Editora Agora, 1986 - Diário.

JORNAL A REGIÃO. Itabuna, Julho de 1987.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Ilhéus. Editora Diário da Tarde, 1928 – Diário.

JORNAL DIÁRIO DA TARDE. Ilhéus. Editora Diário da Tarde, 1972- Diário.

JORNAL OFICIAL DE ITABUNA. Arquivo Público de Itabuna.

JORNAL O INTRANSIGENTE. Itabuna. Editora O Intransigente - Diário.

Fontes Orais:

Damião Souza Santos: 43 anos, nasceu em Itabuna - BA, entrevistado em Fevereiro de 2009, reside na rua: Joaquim Batista nº 179 bairro: Santo Antonio Itabuna-Ba.

Edmundo Farias da Silva: 40 anos, nasceu em Itabuna –Ba, entrevistado em Fevereiro de 2009, reside na rua da Baixa fria, bairro: São Lourenço, Itabuna-Ba.

Enivaldé da Silva Ramos: 51 anos, nasceu em Jussari – BA, entrevistada em Fevereiro de 2009, reside na rua: Liberalino de Souza nº 108, São Lourenço, Itabuna-Ba.

Maria Balbina Neta: 47 anos, nasceu em Coaraci-Ba, foi entrevistada em Fevereiro de 2009. andão nº 316 térreo, Itabuna-Ba.